

UMA ALDEIA DE PESCADORES NA COSTA CONGUÊSA

PIERRE VENNETIER

O Prof. PIERRE VENNETIER, antigo professor do Liceu Savorgnan de Brazza, de Brazzaville, Licenciado em Geografia pela Universidade de Bordeaux, está atualmente contratado pelo "Institut d'Études Centrafricaines" onde ocupa o cargo de geógrafo.

Graças as suas pesquisas de campo, publicadas pelo próprio Instituto ao qual pertence, ou dadas a público pela revista "Les Cahiers d'Outre Mer", os trabalhos de Vennetier vêm concorrendo para maior conhecimento da geografia do continente negro.

A tradução do presente artigo foi feita pela Profª Diva Beltrão de Medeiros.

A República do Congo é banhada pelo Oceano Atlântico numa costa de 250 km aproximadamente. Esta se compõe de uma série de elementos retilíneos, orientados SE-NO, unidos num sistema levemente denteado; cada um deles termina por um cabo mais ou menos pronunciado, que protege bastante das vagas uma baía amplamente aberta (Figura n.º 1). A *Pointe-Noire* (que deve seu nome à côr das rochas xistosas que afloram na praia) forma assim um abrigo natural, escolhido para a instalação, entre 1925 e 1939, do pôrto terminal da via férrea Congo-Oceano (C.F.C.O.), proveniente de Brazzaville.

A população Vili, aliás pouco densa, que ocupa a zona costeira, quase não explora os recursos marinhos; dedica-se sobretudo à agricultura tradicional, tanto para sua própria subsistência, como para o abastecimento de *Pointe-Noire*, cujo crescimento rápido exige quantidades sempre maiores de viveres (1). Em diferentes pontos da costa, instalaram-se pequenos grupos de pescadores; assim, no Baixo Kouilou, em Loango (2), em Massabi (perto da fronteira do Congo português, ou Cabinda), e na própria *Pointe-Noire*. Esta última constitui uma pequena aldeia, distinta da aglomeração

(1) Segundo os recenseamentos oficiais, a população de origem africana passou de 32 000 hab. em 1954 a 54 000 em 1958.

(2) Loango, instalado ao abrigo da *Pointe-Indienne* foi o primeiro pôrto da região e começou a ter grande desenvolvimento em 1890, como ponto de partida das caravanas para Brazzaville. Desde 1904 ele começou a ser abandonado, quando passou a funcionar a via férrea Matadi-Leopoldville.

urbana, situada na borda da praia, no fundo da baía (Figura n.º 2). Não leva nenhum nome particular: é, tão somente, a "aldeia dos pescadores".

I — O GRUPO HUMANO

a) *A aldeia de pescadores e sua população*

O sítio e o habitat. — A escôlha do local não foi obra do acaso. Pelos lados da Pointe-Noire estendem-se duas porções de praia bem diferentes. A SE, a costa é perpendicular à direção dominante das vagas; a presença, à superfície d'água, de bancos rochosos, provoca a formação de três ou quatro fortes e ruidosas vagas que se atiram frequentemente à praia, impossibilitando a acostagem ou a partida das canoas: é a *Côte Sauvage*. Ao norte, as vagas são detidas tanto pelo cabo, como pelo quebramar que o prolonga; elas atingem o fundo da baía sob uma forma bastante atenuada, sem nenhum perigo para as embarcações: é a *Côte Mondaine*. Essa é a primeira vantagem. A segunda, é constituída por uma praia de areia de suave declive, com uns quinze metros de largura, formando um plano inclinado cómodo para retirar da água as canoas ou para lá arrastá-las, sem grande esforço. A praia é limitada por uma leve cornija que permite atingir uma plataforma de 3 a 4 m, sôbre a qual são construídas as "cases", como são denominadas as choças. Este aspecto prolonga-se para o norte por cerca de 1,5 km; mas pouco a pouco, os caracteres do sítio se modificam: a praia se torna mais estreita, o declive mais íngreme; a cornija se transforma numa verdadeira falésia em miniatura, vertical, recortada pela erosão, cuja base é atingida pelas vagas durante a maré alta. As últimas "cases" da aldeia ali estão: a aglomeração prolonga-se portanto, por 2 km aproximadamente.

A vegetação é rara: algumas palmeiras de fôlhas eriçadas, coqueiros, mangueiras. A parte sul é a mais verdejante; algumas "cases" estão dissimuladas pelas bananeiras e grandes caniços. "Plantações" de mandioca, campos de batata-doce, hortas, estendem-se perto; constituem parcialmente a obra das mulheres dos pescadores.

As "cases" da aldeia, salvo raras exceções, acham-se dispersas; formam uma extensa fila paralela à praia, alongando-se progressivamente em suas duas extremidades, mas sobretudo para o norte, a partir da "case" do chefe da aldeia. Basta com efeito pedir-lhe autorização para se instalar, que nunca é recusada, êle mesmo designando um lugar livre. Assim se formou, desde 1950, todo

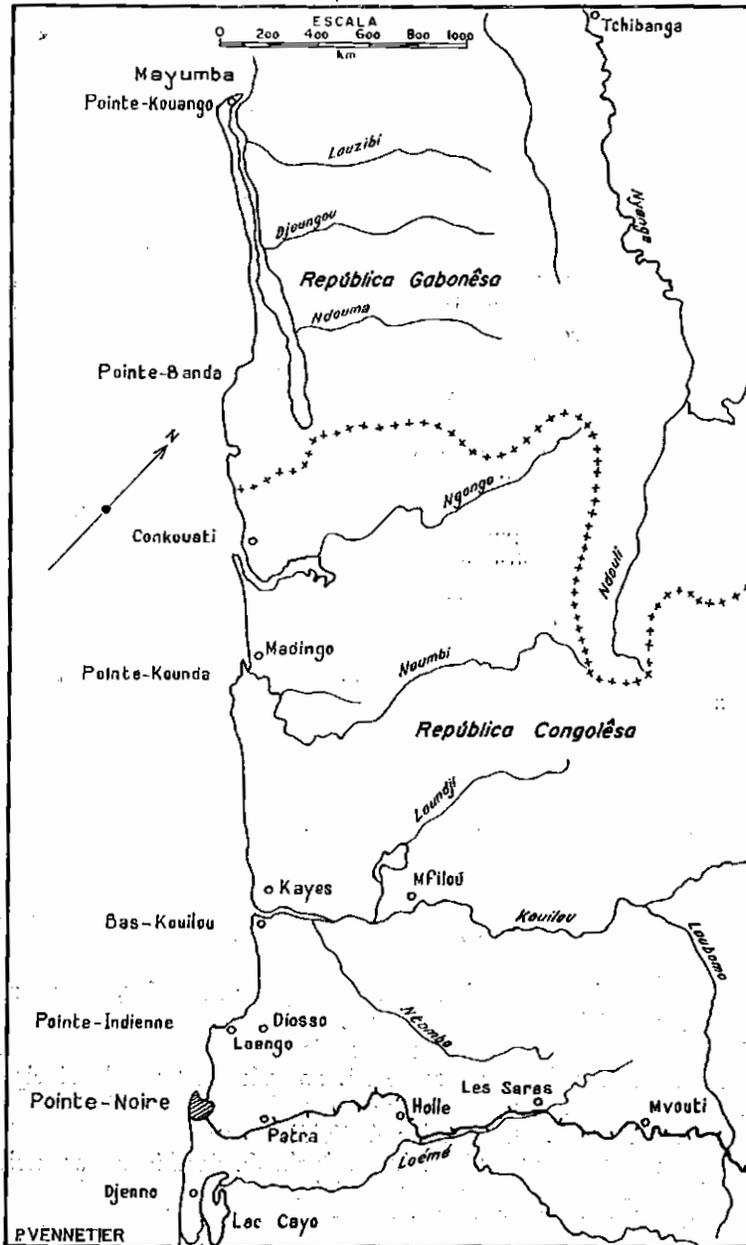


FIG. n.º 1: A costa congolêsa

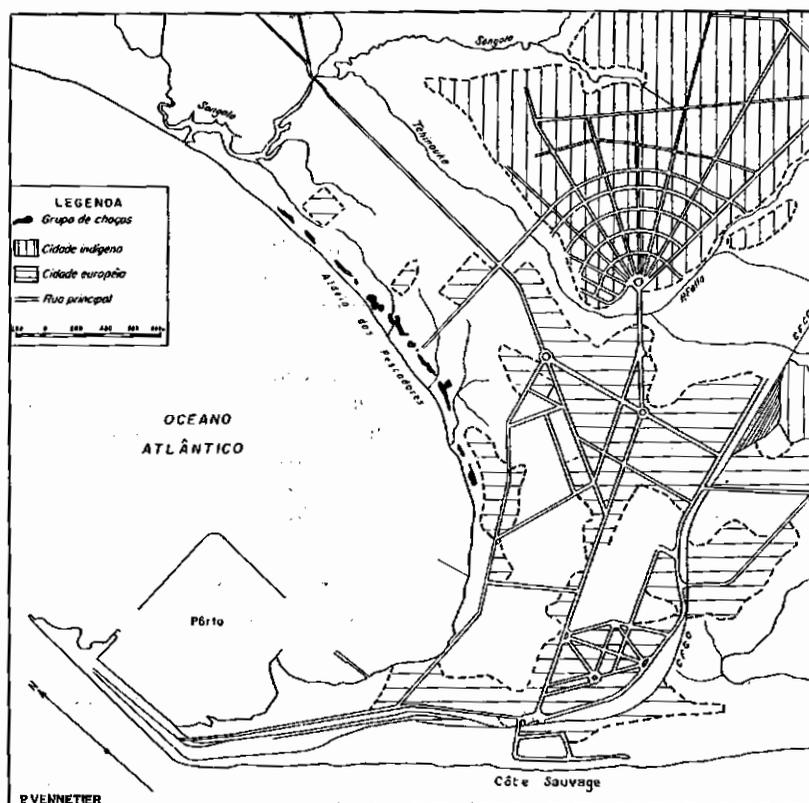


FIG. n.º 2: Pointe-Noire e a aldeia dos pescadores

um “bairro” onde habitam sobretudo os Popos, originários da África Ocidental.

A forma das “cases” é quase sempre retangular, com uma cobertura em dois ou quatro lances. As dimensões são bastante uniformes: para as “cases” de moradia, 7 x 5 metros representam a média. Mas quase sempre há, ao lado da “case” principal, uma construção menor, que serve de cozinha ou de abrigo para o material de pesca. O interior é dividido por tabiques sumários em 2, 3 ou 4 peças segundo a importância da família ou os meios financeiros de que dispõe o proprietário. Aberturas estreitas cortam as paredes, e são fechadas por porta-janelas de madeira.

O chão é de terra batida; quando o proprietário pode, recobre-o por uma camada de cimento, mais fácil de conservar. A

madeira e o vegetal distribuem-se desigualmente pelas paredes, com acentuado predomínio da primeira: restos de tábuas ou mesmo pranchas grosseiras, pedaços de caixa pregados em todos os sentidos. Algumas "cases" são também de papiro, caniço abundante na região, fácil de encontrar e barato, mas menos durável. A cobertura é formada, quase sempre, por folhas de palmeiras, bem trançadas umas às outras, unidas por varinhas de madeira (tetos de *kounza* ou de *nyonga*). Mas também utilizam fôlhas de lata: por vêzes lata ondulada, mas mais frequentemente pedaços irregulares encontrados aqui e ali, ou ainda latas de breu ou gasolina. Por fim, algumas "cases" têm cobertura de tecido impermeável, conhecido como "tela americana".

A grande maioria das "cases" é de construção recente: 1/3 delas tem menos de 5 anos; as últimas construídas encontram-se naturalmente nas duas extremidades da aldeia, e pertencem a recém-chegados. Mas, se não houver dinheiro suficiente para construir, aluga-se uma peça na moradia de um pescador ou mesmo uma "case" inteira; o aluguel contudo, é elevado: 500 francos no primeiro caso e até 2 500 no segundo.

A aldeia dos pescadores é totalmente desprovida de eletricidade; os habitantes utilizam-se de lampiões para a iluminação ou acendem apenas um fogo de lenha diante de suas portas. O abastecimento de água é medíocre: existem apenas 3 fontes, das quais somente 2 estão na aldeia. E o papel tradicional das mulheres é ir buscar a água que transportam em cântaros ou garrafões equilibrados na cabeça; algumas chegam a percorrer até 800 metros. É verdade que a presença do mar limita as necessidades de água: para beber e cozinhar somente.

A repartição étnica dos habitantes. — As 200 pessoas recenseadas na aldeia dos pescadores podem ser divididas em três grupos de importância desigual: os originários da República do Congo, nascidos em sua maioria na Prefeitura da Pointe-Noire, e chamados correntemente de *grupo Vili*; os originários da África Ocidental, ou *grupo Popo*; e por fim os provenientes de outros territórios, menos numerosos (Cabinda Portuguesa, ex-Congo Belga, Tchad). Esta divisão étnica reflete-se numa divisão da aldeia em 2 bairros separados pela casa do chefe, embora a segregação não seja absoluta: Vili ao sul, Popo ao norte.

O grupo Vili reúne 115 pessoas (61 homens e 54 mulheres). Quase todas nasceram na região de Madingo-Kayes, Loango ou Pointe-Noire, isto é, num raio de 60 km. Filhos da terra, estas pessoas sentem-se "em sua própria casa", e lá estão há muito mais tempo que os outros: 25 chefes de família em 35, vieram

à aldeia há mais de 10 anos. Seu chefe, Antoine Sambou, ao mesmo tempo chefe da aldeia, tem autoridade sobre todos os grupos. As relações com os Popos são cordatas, embora dificultadas pela diferença de dialetos; mas há um certo desprezo para com todo aquele que é *estrangeiro*.

O grupo Popo conta 62 membros (33 homens e 29 mulheres), que vieram de vários lugares da África Ocidental. Do Dahomey: os Touama, os Peda, os Meina, os Popo; de Ghâna: os Ewé, e ainda Popo. Encontra-se ainda uma Senegalesa, uma mulher de Serra-Leoa, além de outras proveniências. São famílias de pescadores, exclusivamente, e chegaram no decorrer dos últimos 10 anos. Também eles têm um chefe, Robert Koblavi, a quem o chefe da aldeia transmite as circulares administrativas e a quem ele consulta antes de tomar qualquer decisão. Embora inferiores em número aos Vili, ocupam um lugar mais importante na atividade da aldeia: tratam-se de pescadores especializados, de maior experiência; muitos aqui chegaram por etapas, tendo residido por certo tempo em diferentes pontos da costa como Libreville, Port-Gentil ou Mayumba. São mais ativos do que os Vili, mais dinâmicos, melhor aparelhados; sua superioridade em matéria de pesca é reconhecida por seus concidadãos.

O terceiro grupo (21 pessoas) é formado por originários de Angola, Cabinda, etc. Quer sejam do grupo Yombé, Kotchi, Solongo ou qualquer outro, permanecem por mais tempo isolados, desarraigados. Poucos são os pescadores de profissão, constituindo a maioria operários que trabalham na cidade, trabalhadores e desocupados.

Repartição demográfica e profissional. — A pirâmide das idades, construída segundo recenseamento, denota um déficit considerável entre os jovens do sexo masculino de 15 a 35 anos (Figura n.º 3). É anormal este fenômeno numa cidade, onde estas classes em geral são excedentes (devido ao êxodo rural dos rapazes em idade de trabalhar). Aqui elas representam apenas 20% da população masculina. Assim, a subsistência dos habitantes depende, em sua maior parte, do trabalho de homens já bastante idosos.

É preciso procurar a explicação deste fenômeno na psicologia do nativo: a pesca é uma atividade árdua, que exige esforços mal compensados por um lucro geralmente medíocre. Muitas vezes o pescador trabalha a noite inteira e nunca está certo de vender todo o peixe. Daí, muitos jovens, desde que tenham possibilidade, oferecem-se na cidade ou no porto, como trabalhadores e, com isso, recebem um salário modesto, mas regular. Abandonam então a

família para ir morar na vila indígena, numa "case" mais confortável.

Entre os provenientes da África Ocidental, o déficit é ainda mais acentuado, pois não há nenhum rapaz entre 15 e 25 anos. Neste caso é preciso lembrar que os Popo ali chegaram por etapas sucessivas de modo que, partindo bem jovens de Gâna ou do Dahomey sòmente atingem Pointe-Noire dentro de uns 10 ou 15 anos.

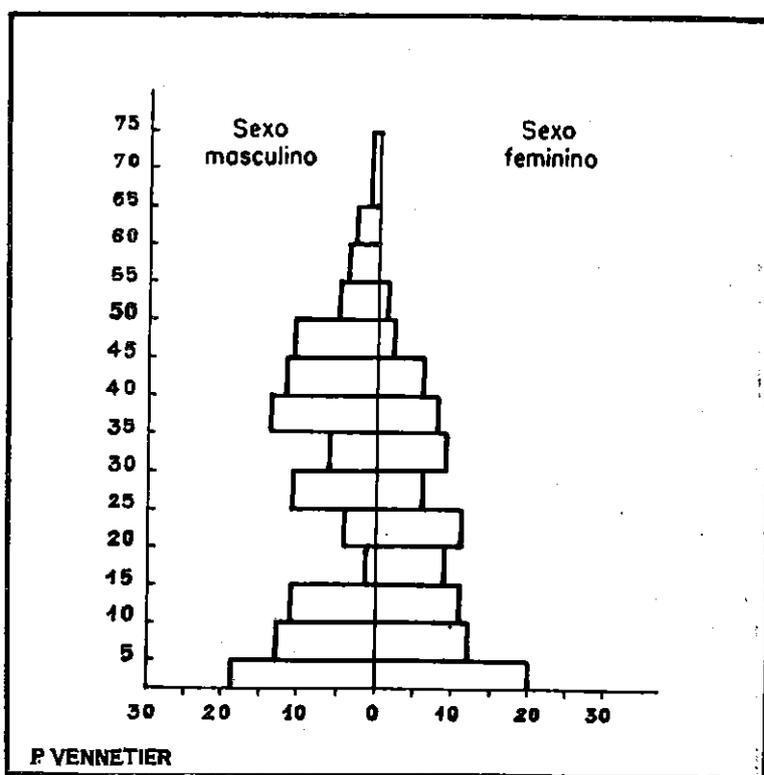


FIG. n.º 3: Pirâmide das idades.

O estudo da população acima de 15 anos denota um nítido desequilíbrio entre os sexos: 51 mulheres para 72 homens, ou seja, uma taxa de feminidade de 70,8%. Esta seria muito baixa se não houvesse na aldeia um número elevado de famílias incompletas: 14 celibatários, 2 viúvos, 18 divorciados, todos do sexo mas-

culino. Assim, além de não se notar a falta de mulheres, ainda permite a ocorrência de vários casos de poligamia (3).

Em 67 habitantes do sexo masculino que declararam uma profissão, há 51 pescadores. Os outros exercem diversos ofícios: trabalhador, "boy", sentinela, marceneiro, mecânico, etc. Mas se pesquisarmos o passado destes pescadores, constataremos com bastante surpresa que quase todos tiveram uma outra atividade: são antigos comerciantes, pedreiros, alfaiates... Dentre eles, somente 9 sempre foram pescadores. Vê-se então que a pesca é, para muitos, uma ocupação recente que os impede de uma completa inação. Há, contudo, pouca possibilidade para que eles exerçam, no futuro, outra atividade: tornar-se pescador supõe a compra de um barco, redes, linhas, materiais diversos, enfim um empate de capital importante, ao qual será bastante difícil renunciar mais tarde.

As mulheres da aldeia não exercem profissões particulares; somente uma Tchadiana tornou-se comerciante, vendendo produtos alimentícios, bebida, objetos miudos de uso corrente; graças aos bons negócios que fez, foi-lhe possível construir várias "cases", que aluga. Chegou inclusive a colocar um gerente em sua loja, e assim vive de suas rendas; mas é uma exceção. Todas as demais, casadas ou solteiras, ocupam-se de trabalhos domésticos: cozinha, compras, cuidados com as crianças, etc. Não se encarregam da venda do peixe mas, em compensação, muitas cultivam o solo perto da aldeia: a colheita da mandioca, banana, batata-doce, azedinha, equilibra o orçamento da família. Trata-se de uma atividade frequente nos meios urbanos da África Negra, onde o mercado do trabalho é muito instável.

Dois pescadores, finalmente, juntaram as suas "cases" um pequeno armazem onde os habitantes podem sobretudo procurar bebidas; êsses recantos são denominados pitorescamente "Au bon coin de la plage" e "Au bon coin de Paris", ao que não falta graça.

II — A PESCA E SEUS PRODUTOS

a) *Material e técnicas de pesca*

A pesca coletiva. — Pratica-se perto da praia principalmente a pesca de arrastão com o auxílio de um grande barco. Êste é típico de alguns pescadores Popos, que o trouxeram de seu país. Afilado de maneira idêntica em suas duas extremidades, mede

(3) Assim, o chefe da aldeia tem 5 espôsas. Mas elas normalmente vivem em Diosso, onde praticam agricultura de subsistência; uma por vez, numa espécie de rodízio, é levada à casa do marido.

8 metros de comprimento por 1,5 de largura, no meio. Compõe-se de um casco arredondado na forma de berço, cuja borda superior é acrescida de um pedaço de madeira mais espessa que o casco, formando uma espécie de borda plana; seis remadores ocupam-no facilmente, colocados dois a dois, e podem sentar-se sobre bancos transversais; o fundo é calçado por tabuinhas. Eles remam cantando a fim de ritmar a cadência, sendo a direção assegurada por um timoneiro que, na pôpa, serve-se de um longo remo para zingar. Esta espécie de piroga mantém-se bem no mar e resiste a fortes vagas. Enfileiram-se cinco ao todo na praia.

A grande rede, *n'siti*, ou arrastão, cujo emprêgo é diário, difere segundo o grupo étnico. Os Popo utilizam-se de um arrastão de grandes dimensões: 100 a 150 m de comprimento por 12 de altura. Tem a forma de um vasto retângulo, com malhas de 5 em 5 cm aproximadamente. No centro do retângulo, abre-se um saco de vários metros de profundidade, cujas malhas vão diminuindo de largura até 1 cm. A borda superior da rede é percorrida por duas cordas: a que permite retirá-la da água, e que mede pelo menos 250 m, e aquela onde estão fixas as bóias de cortiça ou de madeira leve (uma em cada 30 cm aproximadamente). A borda inferior é também costeadada por duas cordas: uma que se prende pelas duas extremidades da rede à corda de rebocar e a outra que suporta os chumbos, cuja função é manter verticalmente o arrastão.

Este tipo de rede encontra-se no comércio, e custa atualmente 100 000 francos: quando se rasga (dentes de tubarão, fragmentos de naufrágio, troncos submersos) a reparação é feita a mão, com o auxílio de uma agulha de madeira em torno da qual o fio é enrolado, semelhante a uma lançadeira. As redes utilizadas são aos poucos ampliadas pelo acréscimo sucessivo de pedaços maiores ou menores.

O grupo Vili utiliza um arrastão bem menor, cuja parte "útil" quase que se reduz ao saco central; ao lado dêste, a rede possui malhas muito largas que aprisionam poucos peixes.

A pesca é a mesma nos dois casos. A grande barca, sobre a qual é enrolada a rede, desdobra-a afastando-se da costa, depois descreve um semi-círculo e atraca uma centena de metros adiante. Logo começa um rebocar muito lento, efetuado nas duas extremidades, simultaneamente por duas equipes de vários homens. A operação inteira dura de uma a duas horas. Às vezes, dois barcos vão se colocar sob as cordas que rebocam a rede, a meio caminho entre esta e a costa, para facilitar a tração. À medida que a rede se aproxima, as duas equipes se reúnem até ficar lado a lado. Atrás de cada uma delas a corda vai sendo lentamente enrolada. Quando as fileiras de cordinhas da rede aparecem, os homens penetram na

água até meio corpo, e batem a superfície com as mãos, para impedir a fuga do peixe para os lados. Esta operação é repetida pelo menos três vezes cada manhã, renovando-se também à tarde, e mesmo ao anoitecer.

Como se vê, a pesca de arrastão exige um início de organização de trabalho, e contribui para criar diferenças sociais na aldeia. Poucos pescadores possuem a grande rede por ser um instrumento caro; contam-se 10, somando ao todo 16 redes; deste número, 12 pertencem a Popos. Diariamente são lançados 6 ou 7 destes arrastões, enquanto os outros ficam na praia, em reparação. O proprietário tem pois a seu serviço um grupo mais ou menos numeroso de concidadãos. Um deles é o tesoureiro, encarregado de recolher o produto da venda e da divisão do dinheiro. A partilha é feita na base de 50% ao proprietário e 50% ao grupo de pesca. Mesmo se admitirmos que os arrastões são de alto custo, este contrato parece bem vantajoso ao proprietário que pode amortizar rapidamente seu emprêgo de capital.

A pesca individual. — Pratica-se com o auxílio de uma piroga comum do tipo fluvial, *bouatou*, que mede de 6 a 8 metros de comprimento por um metro de largura no centro. O fundo é chato, os lados ligeiramente arredondados. O interior, às vezes, é reforçado por dois ou três semi-círculos de madeira. Colocam-se, nas duas extremidades, uma espécie de talhamar de pequenas dimensões. Algumas pirogas comportam dois bancos para os remadores; estes, contudo, geralmente se conservam em pé e impulsionam a embarcação remando dos dois lados; quando há apenas um remeiro ele alterna dois golpes à direita e dois à esquerda. Os remos, *lilemos*, como para os grandes barcos dos Popo, são de forma arredondada ou retangular alongada. Em algumas pirogas é possível adaptar uma pequena vela triangular.

A maioria destas embarcações é fabricada na região entre o baixo Konilou e Kayes, a uns cinquenta quilômetros dali. Os especialistas usam pedaços de tronco naufragados e encalhados na areia da praia; cortam-no no comprimento desejado, esquadram e escavam a piroga com o auxílio de um machadinho de fabricação local, a *luota*, simples pedaço de ferro arredondado, pontudo numa extremidade, aplainado e cortante na outra, enfiado num cabo curto. A madeira mais usada é o *okoumé*, mas também o *limba* e o *padouka*. Um homem, sózinho, constrói uma canoa em dois meses (não trabalha nas horas de grande calor e cobre a embarcação para evitar a rachadura da madeira) e a vende por 10 000 francos. O trabalho é feito por encomenda. Na praia dos pescadores, há cerca de 250 destes barcos, o que representa um capital importante: mas apenas

120 se acham em bom estado, dos quais quase 2/3 pertencem aos pescadores que moram na cidade.

Na pesca individual empregam diferentes engenhos. A pequena rede, *n'debo*, ou rede de *makouala*, mede cêrca de trinta metros de comprimento por uma dezena de altura. As malhas têm vários centímetros de largura. É munida de chumbos para assegurar sua verticalidade. O fio utilizado em sua fabricação é encontrado no comércio, ou comprado, embora isto vá se tornando raro, aos Yombé do Mayombe, que trançam uma fibra vegetal. Este engenho custa aproximadamente 15 000 francos, sem os aviamentos (cordas, chumbos). Sua utilização é intensa, sobretudo na estação seca, durante o período da sardinha, *massounzi*, isto é, de maio a setembro. A pesca é feita à noite, ao largo da baía, pelo método da rede derivante: uma das extremidades da corda é fixa ao barco, a outra flutua graças a uma espécie de cesto de vime que serve de bóia. A fim de aumentar a superfície varrida, os Popo unem muitas vezes estas redes pelas pontas, por uns 150 m. O trabalho dos Vili geralmente é individual. Eventualmente, pescadores da cidade por não terem material, alugam em sociedade um barco e uma rede. Ao voltar, o lucro é dividido em 4 partes, uma "para o barco" (isto é, seu proprietário), uma "para a rede" e uma para cada um dos locatários.

Também se pratica nos barcos a pesca de linha de fundo, sobretudo na estação úmida, e de preferência à noite, a um ou dois km da costa. Apanham congros, percas, tubarões, etc. A linha é constituída pela cordinha de tipo comercial, ou por uma fibra vegetal trançada. Nesta linha, que às vezes chega a 250 m, são dispostas várias dezenas de anzóis de diferentes tamanhos. A isca mais comum é a pequena sardinha. O pescador segura na mão uma ponta da linha e a outra é retida no fundo por um lastro, enquanto êle aguarda que o peixe fisque.

Há ainda outros engenhos, embora menos usados. Trata-se da tarrafa, *n'trafou*, utilizada durante o ano todo, tanto de dia como à noite; mas os sacos interiores que aprisionam o peixe são muito pequenos, e o rendimento é mínimo. Emprega-se a grade de vimes enlaçados para a pesca de pequenos peixes que circulam em cardumes (sardinha por exemplo). No interior de um quadro de 5 x 2 metros, são ligadas lado a lado as nervuras de bambú, que formam uma trama cerrada. A grade de vime é mergulhada verticalmente no cardume de sardinhas, ao longo da canoa, e em seguida endireitada lentamente para fora. Os peixes que aí se encontram aprisionados são lançados na embarcação; evidentemente, o rendimento é muito fraco. Este instrumento foi introduzido pelos pescadores Cabinda. O *zamba* utilizado também pelos Cabinda é uma espécie de rede de arrasto individual. Entre os ramos de uma

forquilha de madeira, em forma de Y, medindo de 1,5 m a 2 m, estende-se uma rede de malhas finas (1 x 1 cm.), triangular. Em seu centro, abre-se um saco cilíndrico, feito de pano, estrangulado em sua parte inferior por uma simples cordinha. O pescador mergulha e levanta várias vezes esse apetrecho, acumulando-se os peixes no saco, que é em seguida desamarrado em cima da piroga. Por fim, há ainda os que praticam a pesca ao arpão, *luonga*; este se compõe de um ferro móvel, arremeçado graças a uma lança destacável, à qual está ligado por um cordel. Ele permite atacar tanto o tubarão como a arraia, durante o dia; mas os Bassolongo também praticam esta pesca à noite.

No conjunto, são numerosos e variados os engenhos de pesca; mas o rendimento seria muito maior se fossem melhorados, tanto em sua concepção, por vezes rudimentar, como em sua utilização, frequentemente pouco racional. Apesar da proximidade de um centro urbano, as técnicas permaneceram tradicionais e os únicos progressos foram levados por alógenos, os Popo, que se beneficiam de uma experiência devida a uma evolução maior.

b) Produção e escoamento

A produção. — A gama dos peixes apreendida é muito grande. As maiores tonelagens são certamente fornecidas pela sardinha, da qual existem duas espécies: a sardinella eba, *makoula*, abundante na estação úmida e a sardinella aurita, *massounzi*, bem maior: é o arrenque; aparece sobretudo a partir de maio, com a chegada das águas frias e salgadas, ricas em plancton. Permanece abundante durante toda a estação seca — até setembro —, desaparecendo somente em janeiro, com a retirada das águas frias. Ao mesmo grupo pertencem o eþmalose, *mandzi*, de longa cauda fendida e que tem geralmente uma mancha no dorso. Muito frequente também é a perca, *likalala*, que chega a ter grande porte, e o congro, *tsikimbila*; mas os pescadores também trazem linguados, dourados, e um peixe muito alongado, achatado, prateado, conhecido como espada. Enfim, citamos os tubarões, pescados com linha de fundo e ao arpão, responsáveis frequentemente pelo estrago das redes.

A produção, no decorrer do ano, é muito irregular. Evidentemente, durante a estação seca é mais abundante, graças à sardinha. A partir de outubro a produção diminui e, embora a pesca de arrastão prossiga regularmente, apenas uma dúzia de barcos, aproveitando-se às vezes da brisa terrestre para içar a vela, parte à tarde com linhas de fundo ou pequenas redes. Um aumento se produz em dezembro-janeiro, quando a sardinha volta à superfície; finalmente, recomeça de fevereiro a abril um período ruim, cor-

respondente à grande estação quente. Portanto, uma cifra média de produção mensal não teria nenhuma significação. Na má estação, os 5 ou 6 arrastões, que trabalham à razão de 3 ou 4 vêzes por dia, produziriam de 300 a 400 kg. É preciso acrescentar a esta tonelagem, o que as pirogas trazem à praia, tanto de manhã, como à noite: 150 a 200 kg. Neste caso, também, as cifras são muito variáveis segundo o tempo e o período: lua nova ou cheia, atmosfera calma ou agitada, chuva ou bom tempo. Ao todo, não é muito. Ao contrário, a produção da estação seca é muito mais importante. É comum ver-se então, cada manhã, cerca de 10 canoas cheias de sardinhas, sem contar outros peixes, bastante numerosos. Atinge-se a cifra de 3 a 4 toneladas por dia e até mesmo mais; mas aí temos o máximo, dado o número de barcos em serviço. Se acrescentarmos a tonelagem pescada com arrastão, parece razoável calcular de 4 a 5 toneladas por dia no máximo, ou seja, 150 toneladas por mês, na boa estação.

Velhos pescadores afirmam que a quantidade de peixe que frequenta a baía está diminuindo cada vez mais. Alguns dão como causa a construção do quebramar que, segundo eles, barrando parcialmente a entrada, manteria o peixe mais ou largo que antes. É provável que seja preciso invocar duas causas mais sérias: primeiramente, a própria atividade do pôrto: o aumento do número de navios acarreta o escoamento na água, em quantidade crescente, de produtos que afugentam o peixe (óleos, lixo) (4). Em segundo lugar, é preciso não esquecer que a orla costeira, numa largura de 200 a 300 metros é, várias vêzes ao dia, e isto já há anos, "varrida" por 6 ou 7 arrastões. Não é de admirar então que se note esse esgotamento. Alguns finalmente afirmam que o peixe falta porque não se celebra mais a "festa do peixe". Esta festa é comemorada normalmente a 18 de dezembro, perto do cemitério africano, onde estão enterrados alguns velhos pescadores, sendo uma ocasião de dansas, libações e divertimentos diversos. Mas mesmo que ela não seja comemorada há 3 anos, suas relações de causa e efeito com a rarefação do peixe são evidentemente bastante duvidosas...

Transformação e escoamento. — Os terrenos em que se encontra a aldeia dos pescadores pertencem, em propriedade consuetudinária, a 4 pessoas que residem na cidade e que têm uma espécie de propriedade elevada, na frente de seus terrenos. Outrora, os pescadores lhe pagavam normalmente, em produtos da terra, um direito de uso, mas este costume foi abandonado.

(4) O movimento do pôrto de Pointe-Noire era, em mercadorias, de 270.000 t. em 1952, e 350.000 t. em 1955. Em 1960, ultrapassou 600.000 t.

Nem todos os peixes pescados cada dia são vendidos; uma parte deles, sobretudo na estação seca (na estação úmida o escoamento de toda a produção é fácil) é defumada. Este trabalho é feito na própria aldeia, atrás das choupanas. Os pescadores utilizam grandes barris metálicos sem os dois fundos. À meia-altura são feitos furos em toda a volta e aí enfiadas varinhas metálicas. Estas suportam outras varetas, agora de madeira, sobre as quais são colocados os peixes, em várias camadas, separados uns dos outros. Basta manter na grande lata um fogo lento, no próprio chão, que calcina apenas parcialmente os peixes e com isto ter uma conservação mais duradoura da mercadoria. Costumam também secar o peixe simplesmente ao sol, durante várias horas; neste caso, ele se conserva por menos tempo.

O resto do peixe é vendido fresco. Esta venda é feita na praia, tanto em torno dos barcos, como após cada lanço da rede, por intermediários que irão em seguida oferecer a mercadoria alhures. Não há preço fixo: as mulheres cercam o arrastão, e escolhem as peças que jogam em grandes bacias esmaltadas. Em seguida travam veementes discussões, onde cada um se esforça por ceder o mínimo possível, no preço de venda ou compra. Os preços variam com o período; assim, a sardinha vale 10 francos o kg (preço médio no mercado) mas os pescadores, que reclamam 15 francos de manhã, contentam-se ao meio-dia, por vendê-la a 5 francos o kg. O escoamento é mais garantido no início do mês, quando o dinheiro do salário ainda não se esgotou: então os preços sobem; eles caem no decorrer da segunda quinzena...

Encontra-se, no mercado, uma parte dos intermediários em número aproximado de uma centena, na maioria revendedores: apenas um pequeno número é constituído por pescadores que trazem diretamente o fruto de seu trabalho, alguns provenientes de Massabi, a 40 km ao sul de Pointe-Noire. Mulheres e homens distribuem-se em igual número. Eles se abasteceram tanto na praia, como nas aldeias situadas na estrada de Massabi (aldeias de pescadores em Djénno, no lago Cayo), recolhendo o peixe em caminhões. O lucro não é insignificante porque a mercadoria, comprada globalmente (por exemplo, uma bacia por 2 000 francos), é fraccionada em pilhas de pequenas unidades, vendidas a 50 ou 100 francos, segundo o tamanho dos elementos: 7 enguias por 100 francos, um tubarão por 200 francos, 3 sargos por 100 francos, etc. As condições em que o peixe é oferecido deixam muito a desejar: as pilhas, sob o zumbido das moscas, ficam horas em pleno sol, comumente sobre o próprio chão.

Nem todo peixe pescado se encontra no mercado. Sem falar das melhores peças (percas, lagostas), que são oferecidas frequentemente de porta em porta nos bairros europeus, uma boa parte,

fresca ou defumada, é exportada. Aparentemente é a estrada de ferro que mais transporta; os revendedores vão oferecê-las nos mercados importantes, que são ao mesmo tempo as estações principais da C.F.C.O.: Patra, Saint Paul, Holle... Mas não se encontra, em nenhum gráu, uma organização qualquer, constituindo a iniciativa individual a única força motriz desse comércio.

III — CONCLUSÃO

A aldeia dos pescadores da Côte Mondaine forma uma unidade original, bem distinta da grande cidade. Este grupo especializado, alimenta, em grande parte, o mercado urbano (5). Mas um exame atento denota insuficiências de organização, que mantém a produção num nível relativamente baixo; é sobretudo o individualismo dos pescadores que se deve levar em conta: não há nenhum agrupamento, fora do trabalho no arrastão. E, mesmo neste caso, não há colaboração entre os pescadores, mas somente remuneração pelo trabalho fornecido. Há, pois, pouca oportunidade para um aumento da produção. Todavia, progressos importantes são possíveis; assim, um pescador de origem portuguesa adquiriu recentemente um barco a motor e uma grande rede de nylon. Adaptado ao barco, o motor lhe permite ir muito mais longe, a zonas ainda não exploradas, e vende, na boa estação, mais de 10 000 francos de peixe por dia. Naturalmente, a posse de capitais suficientes é indispensável; mas estes poderiam ser reunidos graças a uma associação cooperativa. Alguns a idealizaram e foi mesmo fundada, com o encorajamento das autoridades oficiais, uma "Cooperativa dos Pescadores do Kouilou" (COPEKO); parece que ela não tem tido nenhuma atividade: é que o individualismo e a rotina são obstáculos consideráveis. A solução deste problema, como de muitos outros da África Negra, exige primeiramente uma profunda evolução psicológica.

(5) Também contribuem ao abastecimento de peixe de Pointe-Noire (e Brazzaville): 2 pequenas empresas européias dispoendo cada uma de um barco de pesca, e uma grande empresa, a S.A.P.A.C., que pratica a pesca industrial (7 barcos) e a conservação de peixe.